ANO 2.º LISBOA—QUINTA-FEIRA, 8 DE FEVEREIRO DE 1923 N.º 565

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 20 CENTAVOS
Administrador e Editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 118
Impressão: Rua do Mundo, 116

O SR. Angel Marvaud, autor de um livro intitulado *Le Portugal et ses colonies*, que apareceu em 1912, estabelece agora, na «Revue Economique Internationale», a respeito da nossa colonisação, alguns conceitos que nos parecem interessantes, e que temos pena de não poder reproduzir. Para o escritor francês Portugal é a quarta potencia colonial do mundo, mas—acrescenta—«a imensidade desse imperio, que abunda em riquezas naturais de toda a especie—forma um contraste triste com a fraca importancia do comercio exterior português.»

Diz mais:

«Ha dez anos já que explicamos as dificuldades com que lutaram, no passado, as colonias lusitanas. Ao mesmo tempo indicamos os boatos que corriam, desde essa época, sôbre a alienação eventual das principais colonias. A cubiça manifestada por certas potencias estrangeiras tendia a dar fôrça a esses rumores... Hoje, incorreriamos em êrro, se afirmassemos que todas as suas inquietações cessaram.»

O sr. Angel Marvaud assinala o esfôrço do governo da metropole para valorizar os vastos dominios da nação, e faz então, com rasgada franqueza, o elogio da nossa administração nas colonias de Angola e de Moçambique.»

E depois de assinalar ainda que tivemos todo o direito de espirar á ligação dos territorios de Leste e de Oeste—direito estabelecido pela obra de exploração de Serpa Pinto de 1876 e 1885—o sr. Marvaud, registando que as nações competidoras, Inglaterra e Alemanha, logo deitaram por terra aqueles e outros dos nossos direitos, conclue:

«Os esforços feitos por este país para valorizar o seu imperio d'além-mar, têm sido eriçados das maiores dificuldades, resultantes da perturbação das condições economicas provocadas pela guerra e das quais todo o mundo sofre. Por isso mesmo é que esses esforços têm mais merito e os resultados já obtidos, quer em Angola quer em Moçambique, bastam para atestar que Portugal, fiel ao seu glorioso passado, e a despeito de todos os ataques injustificados feitos no estrangeiro, saberá em terras d'Africa, ao lado da França, da Belgica e da Inglaterra e em acordo estreito com estas potencias, prosseguir a sua obra colonisadora, quer no seu proprio interesse quer, neste mais elevado ainda, de civilisação europeia.»

E' preciso notar que é um Estrangeiro quem assim confia no valor e nas virtudes da nossa Raça.

* * *

FOI nomeado o capitão de fragata Henrique Quirino da Fonseca para, em relatorios especialmente documentados, indicar os objectos historicos e artisticos existentes em estabelecimentos do Estado ou noutras situações e que mereçam fazer parte do Museu Naval.

* * *

INFORMAM-NOS de que, na hipotese da proposta de emprestimo não merecer a aprovação das Camaras, se trabalha já na realisação de outro emprestimo da mesma naturesa, porventura em condições mais rasoaveis. Será verdade?

* * *

FOI aberto concurso, no ministerio do Trabalho, até 15 de abril de 1923, para a adjudicação das Caldas de Monchique e seus anexos.

* * *

O SR. dr. Alberto de Monsaraz tem a aparecer agora no mercado livreiro de Paris um livro da sua autoria, editado em francês.

TABACOS

A proposta de lei que o ex-ministro das Finanças, sr. Portugal Durão, levou em tempos ao parlamento e cuja discussão se anuncia proxima pretende estabelecer com a Companhia dos Tabacos um acordo, de maneira a assegurar ao Estado, alem do que já recebe, um minimo de 5.000 contos.

Como já há dias acentuámos, num *eco* que consagrámos a este assunto, achamos que, antes de mais nada, é necessario elevar ao maximo os rendimentos da Companhia, dando-se a todas as suas marcas o seu justo preço.

Sendo o Estado o dono do monopolio, natural é que cuide de o valorizar o mais possivel, para depois sobre êle negociar, limitando-se assim a fazer o mesmo que qualquer particular, quando tem em vista arrendar ou vender a sua propriedade.

O Seculo, que tem ouvido sobre a proposta do sr. Portugal Durão varias competencias, publica hoje uma entrevista, que um dos seus redactores fez com o sr. dr. Raul Lelo Portela, a qual é cheia de interesse.

No seguinte periodo, resume o ex-ministro da Justiça do gabinete Granjo o que se deve fazer, para que o Estado assuma a situação que lhe compete, sem sombra de favor:

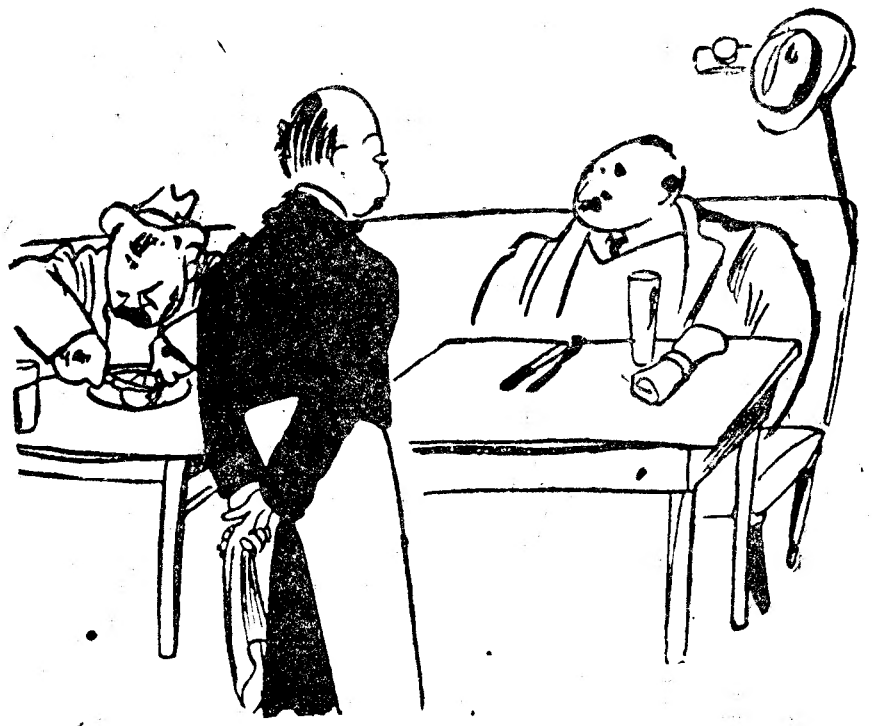
—«Ha que matar todas as questões em aberto; ha que fazer uma remodelação em termos de garantir ao Estado um rendimento que cubra os seus encargos; ha que ter todo o cuidado e toda a cautela em não criar uma situação que prenda o Estado, quando finalizar, dentro em breve, o contracto vigente; ha que assegurar, livre e desembaraçado, o rendimento do monopolio—por isso que é a mais solida garantia para uma larga operação de credito externo—para que o Estado possa com ela beneficiar as finanças publicas.»

Graças á desvalorização da moeda, os encargos do emprestimo de lb. 14.000:000, que em tempos passados não excediam, anualmente, com juro e amortisações, mais do que 3:000 contos, no ano findo subiram a 25.000 contos.

Isto quere dizer que a renda paga pela Companhia e a participação nos respectivos lucros ficam muito abaixo desta quantia.

A proposta do sr. Portugal Durão, em vez de dar remedio a um mal tão gravoso, não passa dum *paliativo*, com o seu minimo de 5:000 contos.

Sinal dos tempos



—Pobre Alfredo! Quem te conheceu ha vinte ano! Tu, criado de restaurante!

—E' verdade! Quem me diria a mim que ainda havia de te servir...

LUÍS de Oliveira Guimarães, na sua recente brochura, cuja capa Bernardo Marques ilustra, ocupa-se de mulheres — o seu assunto predilecto. O titulo é sugestivo — *Bonecas que amam*. O cronista galante de *A Capital*, *O Mundo* e outros diarios, que é já o *petit abbé* de algumas sentimentais, desejosas de confessar-se, neste seu livrinho irónico e malicioso revela-se um cultor do epigrama.

A dedicatoria é para *todas as mulheres bonitas ou feias, novas ou velhas que, alguma vez, tenham colhido da arvore eterna do amor o dôce fruto...*

Á maneira de preludio, escrevre Luís de Oliveira Guimarães:

«Que diferença ha entre uma mulher e uma boneca?

É que as bonecas falam quando lhes dão corda e as mulheres falam quando não lha dão...»

* * *

A LINGUAGEM de alguns jornais da União Sul Africana, depois de registada por alguns e entre eles pelo jornal *Volkstem*, de Pretoria, a «sobre-excitação em Lisboa sobre a questão de Lourenço Marques», tem diminuido de caracter agressivo. Esta atitude moderada — dirão as pessoas que em Lisboa souberam nos jornais e no Parlamento agitar a tempo a questão — «é consequencia das nossas falas». Por outro lado, o sr. ministro da Marinha pensará: «não; ela é só consequencia do meu silencio».

* * *

O professor dr. Virgilio Correia publicou uma interessante brochura, *As obras de Santa Maria de Belem*, em que se ocupa do periodo mais intenso dos trabalhos da construção dos Jeronimos, indicando os nomes dos mestres, lavrantes e imaginarios, portugueses e estrangeiros, conforme consta das relações da epoca.

* * *

O sr. ministro do Comercio vai determinar ás direcções gerais do ministerio que façam regressar aos seus lugares todos os funcionarios ausentes do serviço sem motivo justificado, sob pena de ser levantado auto de abandono. Aos que não se apresentarem no praso de 8 dias será suspensoo vencimento.

* * *

NO seio do novo partido ha quem seja defensor duma atitude de contemporisação com o actual governo e quem aconselhe uma oposição sem contemplações, sobretudo em tudo o que disser respeito a medidas financeiras e ás reclamações do funcionalismo.

* * *

NA associação dos comerciantes retalhistas, ao Intendente, realiza esta noite, uma conferencia, o engenheiro sr. Roldan y Pego, sobre a utilização dos jazigos carboniferos em Portugal.

* * *

ESCREVE-NOS de S. Paulo, Brasil, o maestro sr. Ruy Coelho, queixando-se de que, nas audições musicais do Conservatorio, não são incluidos trechos das suas obras. Qual o motivo?

* * *

FOI autorisado a continuar no exercicio do seu cargo, embora tenha atingido o limite de idade, o professor da escola de Alcofra, concelho de Vouzela, sr. Antonio Marques Simões de Figueiredo.

Cooperativas

A União Central de Abastecimentos

Sobre a União Central dos Abastecimentos, sociedade cooperativa em organização, ouvimos um dos seus dirigentes, o sr. dr. Lobo Alves:

—E' a mais bela obra de pacificação social que se pode realizar no nosso país. E' ao mesmo tempo a mais forte cooperativa do país, montada comercialmente, em bases modernas e simples.

—Importará directamente?

—Sim. E tambem directamente comprará aos socios agricultores o que vai vender aos consumidores. Distribuirá pelos socios produtores comerciantes ou consumidores os seus lucros de cada ano, proporcionalmente ás transacções que cada um realizar. Concederá creditos e emprestimos aos socios, pela sua Caixa Economica.

—O que há já feito?

—Estão-se montando em Lisboa em todos os bairros, e depois, em todo o país armazens de venda directa ao publico associado. A União venderá por grosso a armazenistas e retalhistas.

—E sobre a organização da nova cooperativa?

—A União Central de Abastecimentos é uma Sociedade Cooperativa organizada por diversas individualidades das mais conhecidas nos meios agricola, financeiro e comercial que procurará facilitar o abastecimento do País pela realização de importações directas de generos de primeira necessidade, e compras tambem tanto quanto possivel directas dos mesmos generos de produção nacional. Apesar de se achar ainda em organização, é já a mais importante cooperativa do País. Não se destina simplesmente á venda a retalho a socios individuais. Alêm dos armazens de venda directa aos socios que vai abrir em Lisboa (e possivelmente nos pontos do País onde não existem cooperativas que por seu intermedio se abasteçam), a União Central de Abastecimentos tem o papel mais importante de importador para a venda aos armazenista para venda aos retalhistas. Os seus preços serão sempre combinados de forma a que nas vendas aos armazenistas e retalhistas se lhes permita sempre uma margem de lucros suficientes para acompanhar os preços da União Central.

Dá vantagem aos agricultores a organização da nova sociedade visto que por meio dela venderão directamente aos consumidores os seus produtos agricolas. Pretende a sociedade comprar a socios psra vender a socios.

Os lavradores das regiões cerealiferas são especialmente interessados porque a nova cooperativa recebe da Secção dos Abastecimentos da Federação de Sindicatos Agricolas do Centro de Portugal a agencia de algumas das mais importantes fabricas de moagem do País, por conta das quais já no presente ano de 1923 efectuou compras de muitas centenas de toneladas de trigo.

Os criadores de gado encontrarão um forte auxiliar na nova sociedade em virtude das relações desta com os principais productores de milho colonial.

Os comerciantes de cereais, legumes, azeites, e dum modo geral de todos os produtos agricolas, têm o maior interesse em fazer parte da nova sociedade em virtude das relações que esta recebe da Secção de Abastecimentos com os mais importantes lavradores do País, e em virtude ainda da sua ligação com as mais fortes organizações sindicais agricolas, e das relações pessoais dos seus organizadores e gerentes no meio agricola.

Entretanto é necessario notar que o capital desta cooperativa é ilimitado, e irá aumentando á medida que crescer o numero dos respectivos socios. Será ela portanto mais forte logo que a subscrição se desenvolver.

Poderiam os organizadores terem adoptado a forma de companhia ou sociedade anonima. Não o quizeram fazer afim de que ela pudesse constituir um elevado nucleo de pacificação de questões sociais, de forma a apresenta-la ao publico mais como uma medida urgente de abastecimento que como uma entidade mercantil.

O capital inicial de 250.000$00 Escudos acha-se já inteiramente subscrito e excedido.

PEÇA-OS EM TODA A PARTE

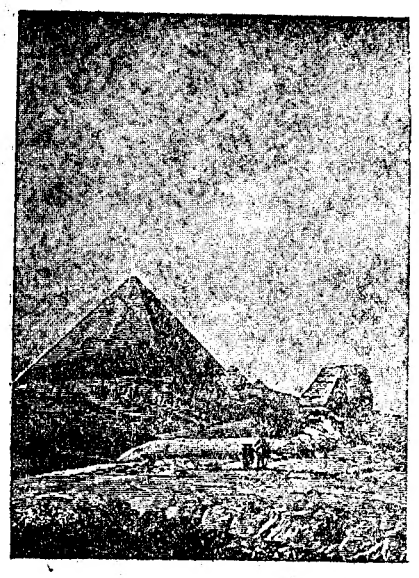
"VASPAEL"
GRANDE LICOR DE SOBREMEZA
DEPOSITO GERAL
70, 2.°—RUA AUGUSTA—70, 2.°
TELEF. C. 1196

A MADRUGADA DOS TEMPOS

A RECENTE DESCOBERTA DO TUMULO DE TUT-ANKN-AMEN

REI DO EGIPTO, 1.000 ANOS ANTES DE CRISTO

O Egipto—a terra abençoada onde a Arte ensaiou os primeiros bailados da sua adolescencia; o logar de refugio escolhido pela Mãe de Jesus, quando perseguida pela ira do rei da Judéa; a patria do sabio rei Sesostris que, após as suas retumbantes conquistas, tanta expansão deu ás artes e ás sciencias; o berço dos Ramsés que levantaram as famosas piramides; o rincão, finalmente, onde Cleópatra, depois de ter conquistado um trono, se empenhava na caça dos corações de Cesar e Marco-Antonio—é, ainda hoje, um sarcôfago esfin-



giaco de misterios que, dia a dia, vão sendo desvendados, graças ás escavações persistentes, ali realisadas.

Os nossos aliados ingleses, sempre perseverantes nas suas empresas, continúam rasgando as entranhas da terra egipcia, no unico interesse de sondar as belezas ainda desconhecidas da Arte Antiga, prestando assim um alto beneficio á constituição da historia desse país, cuja origem se perde na noite dos tempos.

A' frente dessas escavações, que duram ha dezassete anos, encontram-se Lord Carnarvon e o seu colaborador e amigo Mr. Howard Carter, que ali tem dispendido grande parte da sua fortuna. E' bom notar que quaisquer objectos encontrados não sáem do Egipto; são guardados no Grande Museu do Cairo e ficam sendo pertença do Estado.

* * *

Estava-se em fins de novembro, quando a atenção dos operarios foi chamada para umas pedras quadrangulares, denunciadoras, por certo, de qualquer construção subterranea. Lord Carnarvon, que se encontrava no Cairo, foi logo avisado telegraficamente por Mr. Carter, continuando as escavações que, no fim de tanto tempo, pareciam trazer grandes surprezas. Pouco depois, encontrava-se a porta de um tumulo e, juntamente, a respectiva chave. Foi um deslumbramento! Tratava-se do tumulo do famoso rei Tut-Ankh-Amen, um dos reis pertencentes á dinastia fundada por Menés. Quantas preciosidades ali contidas durante trinta e dois seculos! Tudo o que pertencera àquele rei, mesmo os objectos de uso domestico, ali se encontravam depositados!

Vem a propositos elucidar o leitor de que os egipcios, como aliás outros povos da antiguidade, usavam, após a morte de qualquer dos seus reis, reunir tudo quanto fôra de uso diario do ilustre falecido, sem exceptuar os criados e escravos que eram mortos e enterrados junto do tumulo real.

Encontravam-se ali riquissimas mobilias, cadeiras cobertas com pedras preciosas, cujo valor foi calculado em 3 milhões de libras esterlinas, carros, uma especie de «chaise-longue» chapeada de oiro fino, formada por dois leões magestosos, tendo como suporte as oito garras dos reis das selvas, um guarda-joias com 12 polegadas de altura, 12 de largura e 14 de comprimento, que só por si representa um trabalho artistico de incalculavel valor, contendo grande quantidade de adornos como braceletes, colares, brincos etc., vasos de alabastro e ceramicas varias dum desenho inteiramente desconhecido, bengalas que o rei usou, um bastão de oiro e, espalhados no chão, sapates, vestidos, cabazes e ainda umas caixas circulares, chapeadas e pintadas de branco, contendo carne, farinhas e outros viveres já cosinhados e ali postos, ha mais de 3:200 anos, por ocasião do falecimento do soberano! E' que os egipcios tinham a crença de que a morte era uma longa viagem devendo, cada pessoa que a empreendesse, levar consigo o farnel para o caminho. O que mais impressionou os que assistiram ás escavações foi um trono riquissimo em cujo recôsto se encontravam os retratos do rei e da rainha formados por milhares de pequenas pedras preciosas, com tal perfeição que davam às cores naturais da carne e vestidos dos retratados!

O extraordinario achado chamou a Luxor uma multidão de artistas, arqueologos e todos quantos se dedicam a prescrutar o passado, que, deslumbrados, diziam uns para os outros: —Vale a pena atravessar o mundo para vêr estas maravilhas!

Um jornalista que ali se encontrava, tendo pedido a Mr. Carter as suas impressões sobre tão precioso espolio, este limitou-se a responder, indicando os artistas que o rodeavam: —Olhe para as expressões maravilhadas de todos esses sabios que aí estão. Será esse o melhor depoimento sobre tudo isto!

O tumulo foi, em seguida, fechado e guardado por soldados egipcios, tendo Lord Carnarvon partido para Londres, a fim de requisitar os necessarios apetrechos, incluindo, segundo a sua propria frase, «alguns quilometros de algodão em rama» para a embalagem e gente abalisada para a melindrosa condução dos objectos que a acção do tempo tornara frageis e, portanto, danificaveis ao mais ligeiro atrito.

* * *

Tudo o que apareceu—é bom notar-se—foi apenas na ante-camara do tumulo. Após o transporte para o Museu de Cairo de todos

os objectos a que nos referimos, continuarão as escavações para abertura dos outros compartimentos que se seguem, sendo de calcular que se possa reconstituir toda a côrte do rei.

O que haverá ainda? Que novas surpresas estarão reservadas aos felizes investigadores? Que novas provas do antiquissimo espirito da Arte, sempre moça e sempre bela, surgirão ainda, documentando a já existente e agora quasi desconhecida perfeição da obra humana?

Verificando-se pelo encontrado que o Egipto conseguira atingir as culminancias das artes e das sciencias, quem sabe se, ha 3:000 anos, os aeroplanos teriam esvoaçado em graciosas curvas acima das piramides e se maquinas de escrever Remington já seriam conhecidas nos palacios magnificos dos antigos Pharaós?

Gomes Monteiro

Os espectaculos carnavalescos do Coliseu dos Recreios e os bailes que se lhes seguem são este ano cheios de surpreendentes novidades e atracções.

PAPEIS "RIBOLDA"
Para maquinas de escrever, segundas vias e de impressão para duplicadores.
OLIVER LIMITADA
Telef. N. 3158 ■■■ RUA DA PRATA, 250, 2.°

STORES DE MADEIRA
RUA DO SECULO, 140

Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Viscondessa de Serpa Pinto (D. Maria José), D. Amelia Burnay Morales de los Rios da Silva Leitão, D. Maria Adelaide de Sousa Magalhães, D. Irene Roque do Pinho (Alto Mearim) e D. Eugenia Cecilia Burnay de Almeida e Vasconcelos (Lapa).

E os srs.:

Marquês de Penafiel, D. José de Lancastre de Araujo Gil, dr. Antonio Carlos Craveiro Lopes, Ernesto Cruz Calleia, Caetano Alberto de Barcelos e Eduardo Vicente Roquete Ricciardi.

—Faz hoje anos a senhora D. Josefina Castel-Branco Valente.

—Passa hoje o aniversario da filhinha da senhora D. Elsa Franco Sotto Mayor e do sr. dr. Candido Sotto Mayor.

No palacio de Condeixa realiza-se uma festa intima a que assistem alguns amigos e pessoas de familia.

O *Diario de Lisboa* envia aos felizes pais os seus cumprimentos.

Casamentos

Pelo sr. José Maria Pereira, foi pedida em casamento, para seu irmão sr. Augusto Pereira, filho da senhora D. Maria José Pereira e do José Pereira, a senhora D. Maria Eugenia de Almeida Costa, interessante filha da senhora D. Carlota de Almeida Costa e do sr. Francisco Antonio Costa. O casamento deve realizar-se brevemente.

—Ha dias realizou-se, na igreja de S. Vicente, o casamento da senhora D. Adelaide Santa Rita, gentil filha do sr. Julio da Conceição Santa Rita, com o sr. Julio Cardelo. Serviram de padrinhos, por parte do noivo, o sr. João de Figueiredo e esposa, e por parte da noiva, o tenente de infantaria 35 sr. Manuel Gonçalves Costa e esposa.

Terminada a cerimonia religiosa, foi servido, na residencia dos pais da noiva, um fino «lunch», seguindo depois os noivos para Sintra, onde foram passar a lua de mel. Na «corbeille» viam-se muitas e valiosas prendas.

A caridade

Baile de subscrição

A noite de depois de amanhã, na Liga Naval Portuguesa, ao Calhariz, vai decerto ficar marcada a letras de ouro nos anais mundanos dessa aristocratica agremiação, pois realiza-se, como temos noticiado, o tradicional baile de subscrição, levado a efeito por uma comissão de senhoras, sob a presidencia da senhora duquesa de Palmela.

Todos os dias afluem a casa da senhora D. Maria Ana de Lancastre Ferrão de Castelo Branco, rua da Imprensa Nacional, 86, ou pelo telefone 790, inumeros pedidos, por isso mais uma vez prevenimos os retardatarios que os bilhetes são em numero limitado, a fim de que a aglomeração nas salas da Liga Naval não seja demasiada.

Festa elegante

No sabado, e no palacete da senhora D. Maria da Silveira Amaral, realiza-se uma festa de todo o ponto elegante. E' representada uma revista de ano, por distintos amadores—um lindo grupo de meninas da nossa sociedade e rapazes. Intitula-se «Cá e lá» e foi expressamente escrita pelos srs. Fernando Tomás de Carvalho e Alvaro Lima.

Vai ser uma noite encantadora.

Festa de homenagem

Continua sendo enorme a troca dos bilhetes provisorios pelos definitivos, para a elegantissima recita que na noite de 16 do corrente se realiza no teatro de S. Luis, em festa de homenagem da empreza Armando de Vasconcelos aos seus cronistas mundanos e nossos colegas de redacção srs. Carlos de Vasconcelos e Sá e Carlos da Mota Marques, dois jovens que gosam das gerais simpatias não só das principais familias da nossa aristocracia mas do publico em geral.

Nessa noite far-se-há «reprise» de uma das mais lindas e finas operetas escolhida pela empreza dentre o seu vasto reportorio.

Continuamos a publicação da nota das pessoas que já teem bilhetes: D. Luzia Patricio de Fratel, D. Maria Adelaide de Castro Pereira Pinto de Balsemão, D. Maria José de Barros Belmarço, D. Maria Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Palmira de Navarro Viana Bastos, D. Adelaide de Almeida da Camara Leme, D. Adelaide Bramão, D. Margarida Galvão Mexia Bramão, D. Flavia Guimarães Correia Leite da Camara Vasconcelos, D. Matilde Pereira Caldas de Vasconcelos, D. Eduardo Molano, D. Palmira Lopes Tavares Lobo da Silveira (Alvito) D. Maria Tereza Machado Ferreira da Silva, D. Maria Carolina da Mota Marques Soares Leite, D. Julieta Soares Leite, D. Julia Abecassis Serruya, Elias Rafael Serruya, D. Claudina Franco dos Santos, D. Adelaide de Almeida, D. Angelica Pavão Pereira Rosa, Visconde de Santarem, D. Mariana Correia de Sampaio de Seabra, D. Leonor Correia de Sampaio Ferreira Roquete, Dr. José Antunes dos Santos, Urbano Rodrigues, Semtob R. Sequerre, Antonio Afonso Viana, Coronel Vilas, Carlos Afonso Viana, José Ribeiro Junior, José de Oliveira Soares, José de Melo, capitão Sant'Ana, Dr. José de Ataide, Dr. Luis Roquete Soares de Albergaria, dr. Manuel Marques Braga, José Eduardo de Abreu Loureiro, Dr. Augusto Vaz, Julio Correia de Sá, D. Maria Fernanda Batista de Melo Beirão, D. Hortense Ferreira, Carlos Brissac Neves Ferreira, D. Etelvina Falcão, Manoel de Almeida Napoles de Carvalho Daun e Lorena, Narciso Freire de Andrade, D. Julia C. Monteiro, D. Maria Costa, dr. Paiva Lerono, etc., etc.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» ámanhã, de tarde, na tradicional «matinée» do Chiado Terrasse e, á noite, no teatro de S. Luis, festa artistica do actor Carlos Viana, com a linda opereta «A ultima valsa» e a primeira representação da revista em 1 acto «Fruta do tempo».

Doentes

Pelo sr. dr. Francisco Gentil, coadjuvado pelo sr. dr. Vasco Palmeirim, foi ha dias operado o sr. João Ferraz de Sequeira.

Em viagem

Regressou ás suas propriedades de Casela, no Algarve, acompanhado de sua esposa a senhora D. Maria Lucinda da Fonseca de Medeiros Antunes e de seu gentil filhinho José Miguel, o sr. dr. Luis de Medeiros Antunes.

—De Vila Cortez da Serra, partiu para a Guarda o sr. Alexandre Gomes de Almeida.

—Esteve em Lisboa, tendo já regressado á sua casa em Peniche, o sr. Francisco Trindade.

Não ha sala de bailes mais ampla, mais magestosa e mais economica e que tenha ornamentações e iluminações mais deslumbrantes do que a do Coliseu dos Recreios.

LITERATURA

DA VIDA E DA ILUSÃO

POENTE TRAGICO

POR AUGUSTO NAVARRO

Nas margens do rio Fizon junto ao país d'Evilath onde nasce o tentador e loiro metal que mais tarde, volvidos seculos, havia de confundir e perder os homens, encontraram-se numa das primitivas manhãs do mundo a *Vida* e a *Ilusão*.

O sol ainda débil, ainda sem ardores, limpidissimo e refulgente, acabado de sair da forja scintilante e fantastica onde Deus laboriozamente caldeara todos os astros, todos os sistemas, subia lento por de tráz de uma montanha informe de nuvens negras; daquelas nuvens que por muito tempo abraçaram a terra em sombra e em tristeza. Num caricioso beijo ia afagando em branduras ternas o pobre planeta, infinitamente humilde, quasi perdido, inextinguivel entre os outros, grão de areia ou braza quasi a despedir, onde o sangue ardoroso da Vida palpitava já. As aguas das nuvens repouzavam estagnadas em seus leitos, revolvendo nelas todos os seres vivos, desde os grandes saurios até aos plusiauros horrendos.

Porém, as aguas ainda não tinham vibrações ou estremecimentos e os seres moviam-se a custo, quasi letargicamente, na grande toalha liquida. Na crosta não de todo arrefecida do globo erguiam-se já as gigantescas cupulas das arvores, já se ouvia o rumor febril das seivas, já se abriam em festões grinaldas de flores, e estalavam ramos, ciciavam folhagens, emfim a floresta que sempre acolhedoramente protegeu o homem, a arvore que devia ser arado ou nau, esquife ou berço foi a primeira a vibrar, a estremecer, a contar hossanas á Vida no orbe que Deus destinára ao captiveiro dos humanos.

Organizada e perfeita, impoluta e imaculada, a terra esperava apenas o advento do rei do reis, do homem que a havia de subjugar, daquele ente que creado á imagem do Senhor, seria o mais forte e o mais belo, o mais ouzado e o mais sublime.

Um anjo desceu, um grande e formoso anjo de azas brancas, brancas como uma restea de luar e ferindo o ether em vibrações cristalinas que arrancava duma scintilante trombeta de cristal e ouro anunciou a todo o orbe, a todo o ser vivo a sua chegada para o dia sexto do genesis. Dolorosamente, anciosa, febril, em espasmos e impaciencias toda a Creação o esperou. Foi moroza e lenta a noite do dia quinto, uma noite golpeada pelos ref'exos indomaveis do fogo procurando libertar-se, subir em catadupas, lamber em chamas rubras todo o planeta, destruil-o, torná-lo uma grande e imensa avalanche de labaredas a flamejarem, a flamejarem pelo Universo. Mas Deus em breve o relegou para o centro da terra, fazendo-o regougar em torvelhinhos de scintilações magicas e esmeraldinas.

Um côro horrendo de uivos e rugidos toda a noite atroou os espaços em imprecações colericas, em raivas sanguinarias. E não houve monstro, nem fera que não juntasse sua voz ao concerto insuportavel e terrifico.

As aguas gemiam ao longe açoitadas pelos ventos e procuravam sair de seus leitos, invadindo a terra, apagando o fogo, afogando os animais, destruindo as florestas, mergulhando tudo no cahos.

Grossas e expressas nuvens corriam como doidas a apagar os luzeiros do firmamento, povoando as serras de sombras, sumindo os horizontes em escuridão lutuosa e tragica. Dir-se-ia que a confusão voltava e que imersa em perpetua treva o globo seria um pouco de materia a rolar, a rolar perdido e vagabundo pelo Universo já scintilante de soes.

Oh! foi penoza de passar aquela noite do dia quinto, do dia que antecedeu o advento do homem.

Por fim a manhã clareou, o sol subiu no ceu muito azul, translucido, sua luz era suave e doce, sua claridade palida mas firme, chuva de ouro, de ouro fosco, um ouro velho, melhor, melhor ainda que o do país d'Evilath, pois eram lascas do proprio trono de Deus que o sol espalhava a flux, sobre os mares, sobre a terra, sobre as arvores, e os rios, e os montes, sobre todo o planeta juvenil e formoso.

Ia chegar o homem.

Cantavam todas aves seus mais cristalinos e gorgeados trinares, esperavam todas as feras num pasmo mudo de assombro e de raiva, luziam as aguas, murmuravam as arvores, e o fogo, o proprio fogo sempre rebelde, sempre desobediente, até esse socegado e quieto esperava o ente que Deus concebera e talhara com meiguice e desvanecimento.

Silencio sepulcral alastrou imenso, indefenivel por toda a vasta cupula celeste, brilhou o sol mais forte, pararam os astros suas rotas, sussurraram as estrelas uma saudação, e um ente grotesco e espantado, coberto de pelo hirsuto, contemplando tudo com uns olhinhos piscos e vivos surgiu no jardim das Delicias. Era o homem, era o rei da Creação.

.....

—Minha irmã—dizia a Vida á Ilusão, vendo correrem as aguas claras do claro rio Fizon, sabes que o homem chegou, e que eu vibro nele forte e energica, unica e dominadora.

—Sei, volveu muito triste a Ilusão, tu minha amiga vais perder, vais tornar desgraçado o ente que Deus te confiou.

—Desgraçado—gargalhou a Vida num escarneo, não, não, vou levá-lo pelo mundo gloriosamente, vou fazer com que ele seja o dominador absoluto de tudo o que na terra eu alimento, de tudo o que me foi confiado. Levado por mim será marinheiro e subjugará os mares, será batalhador e zombará do fogo, e zombará da morte, será emfim, tudo que o meu desejo apeteça, e se ámanhã o quizer punir não tenho mais que entregá-lo á Dôr, que o arrebatará em suas garras aduncas para o nada, para o abismo.

—Tu conheces a Dôr, a deuza negra, irmã da noite e do remorso, a minha doce e querida companheira, oh! tu não a conheces, não sabes como ela é bôa, é casta, é pura. A Dôr, minha amiga, é a mais excelente creação de Deus. Experimenta as virtudes e pune os desvarios, ri das riquezas e despreza os lamentos. A Dôr ha de ser para o mundo a grande vencedora.

—Vida, volveu a Ilusão, tu não sabes ainda qual é a luz que mais segura e fiel guia o homem á suprema maravilha, aquela que o torna seu verdadeiro fi-aquela que o toma seu verdadeiro filho.

—Sei, sei, minha irmã. E' a luz da Sciencia.

—Da Sciencia?! e um sorriso de ironia franziu a boca fria da Ilusão.

—Sim, da Sciencia. E' ela que o ha de tentar, em seu clarão ele perder-se-ha, porque a sua chama é feita do Pecado, tecida pelo luar, alimentada pelo Vicio.

—E a luz do Amor, e a luz da Arte, e a luz da Beleza, não são nada?!

—Arte, Amor, Beleza, esmago-as eu no rodar vertiginoso do meu cortejo. Eu, Ilusão, sou a materia, sou a verdade, não curvo minha cabeça altiva aos astros que scintilam no firmamento de teus sonhos. Eu desprezo a Arte, o Amor, a Beleza, só quero levar o homem á conquista, á posse do Pecado do Mal, do Vicio, para que ele quando a morte o vier buscar, tenha saudades minhas, clame por meus braços, implore meus carinhos, relembre meus dons que o aturdiram, que o deliraram.

Vê tu o Pecado. Que saudades imensas não ha de ter este pobre pedaço de argila, quando no extertor da agonia lhe afolorarem á memoria os beijos das virgens que sua alma possuiu, e que seu orgulho esqueceu. Em que extranhos paroxismos ele não ha de escabujar, quando os espectros de seus crimes lhe vierem assistir á morte. Nos labirintos do Mal, nas delicias que ele lhe proporcionar, o homem tem sua mais voluptuosa sensação. Mas, ai, depois na hora final, ele sofre bem todos os momentos em que sua alma foi menos pura, menos divina. Já lhe ouço os lamentos, já lhe vejo as mãos enclavinhadas, os olhos raiados de sangue, procurando na treva o corpo das amantes e os toneis de vinho dos banquetes. E miseravel, pobre farrapo, imundo reptil sua boca ainda está sofrega de Vicio, seu corpo ainda guarda bem viziveis, bem hediondas as dedadas das orgias, dos deboches. Ilusão, eu sou assim, e a Arte, e o Amor, e a Beleza, respeito-as mas não as trago em mim, pasmo perante seu explendor, mas seu explendor não ofusca meu clarão.

—Barbara e cruel—balbuciou a Ilusão. Deixa-me evar comigo o homem ás regiões ethereas da Fantasia, aos lagos encantados da Quimera. Deixa-me mostrar-lhe o templo do Amor e a ara sacrosanta da Arte, eu serei aquela que farei com que sua passagem pelo mundo se não esqueça de todo. Eu fá-lo-hei amar, povoarei seu cerebro de mil e caleidoscopicas vizagens, e depois entrego-to, entrego-to mais perfeito, mais belo, mais heroico.

—Não—volveu a Vida, o ente que o Senhor creou, não quero eu que elé seja superior, ou se aproxime de seu Creador.

—Que gloria, que explendente gloria não seria a tua, oh! Vida, se algum dos teus filhos fosse digno de ser olhado como um Deus, como um heroi. Vê, vê, que extraordinaria gloria, tu poderes mostrar ao tempo a figura iluminada dum dos teus filhos, transmutada por mim, que lhe daria a scentelha do amor, da beleza, da imaginação, em filho de Deus, em quasi seu rival.

—Não—tornou a Vida—Não, feiticeira e impostora. O homem nasceu para o sofrimento, nasceu para a Dôr, e só para isso é que eu o elevarei ás mais belas culminancias para depois, desfeito em pó, de lá o arremessar.

—Vida, és a mais torpe das aventureiras, a mais hedionda das divindades. Vida eu desprezo-te, eu abandono-te.

—Vai, minha pobre sonhadora, vai, e se um dia nos encontrarmos na estropiagem do mundo nao procures o meu auxilio que eu continuamente serei tua inimiga.

.....

Já o sol declinava com sua missão cumprida, a Vida correu a acalentar o homem, e a Ilusão macerada e triste abriu suas brancas azas ao ceu e repouzou aos pés de Deus omnipotente e omniscente.

E Deus compadecido, vendo-a tão triste, tão dolorida, num lindo gesto todo caricia e piedade enviou-a um dia á terra com a missão sublime de crear o *artista*.

E' desde então que foi um poente incendiado, por um poente tragico a Vida caiu vencida ás mãos diafanas, da diafana Ilusão e no mundo surgiu o primeiro homem que fez de seu existir uma rota de soes, uma constelação de estrelas.

Esse homem é Dante e Camões, Sannozzaro e Milton, Leoppardi e Garrett, todos aquêles que noivando com a deuza suave e carinhoza sentiram em seu coração uma grande ilusão de amor donde brotou uma explendida alvorada de arte.

Ajoelhemos todos, meus amigos, meus irmãos, no templo sacratissimo da nossa Arte e ergamos um côro de bençãos e louvores á virgem, á deuza, á mulher que fez da Vida uma via-lactea de beleza onde os nossos corações rompam astralmente em faulhas de eneantamento.

A Ilusão é a mãe da Arte, a Ilusão é a redemptora da Vida, e em extasis, em delirio, eu a extremeço, eu a bendigo sentindo-a palpitar, palpitar no ardor de minha alma juvenil e crente, orgulhosa e amargurada.

AUGUSTO NAVARRO

POLITEAMA
EMPREZA LUÍS PEREIRA
Telefone 3028 N.
C.ª REY COLAÇO-ROBLES MONTEIRO
HOJE — Recitas do Carnaval — ás 21,30
O OUTRO EU
Bilhetes á venda para os
4 espectaculos e bailes do Carnaval 4

APOLO Telef. N. 4129
HOJE
Festa artistica dos actores
ALFREDO PEREIRA e FREITAS
DESPEDIDAS da revista
LUA NOVA
A'manhã—Festa de Evangelina e Ant. Bastos
NO CARNAVAL—3 brilhantissimos espectaculos, os mais baratos de Lisboa, visto que os preços não são aumentados.

EDEN-TEATRO
Companhia de revista
2—ESPECTACULOS—2
ás 8 1|2 e 10 1|3 com a celebre revista
TIRO AO ALVO
com o quadro novo
FITAS FALADAS
CARNAVAL—Continua a venda para os três espectaculos do Carnaval, seguidos de três deslumbrantes bailes de mascaras.—NO PALCO, um grande restaurant, onde tocará um JAZZ-BAND.—O maior sucesso teatral

TEATRO SALÃO FOZ
HOJE ás 21,30
Recita do actor ALVARO DE ALMEIDA
«reprise» da comedia em 3 actos
O Arroz Doce
Representação unica do drama patologico
Os Espectros
do Paulino Dias,
original do actor Nascimento Fernandes
AVISO — Começam hoje neste teatro os folguedos carnavalescos

TEATRO NACIONAL
Telef. N. 3049
EPOCA DE CARNAVAL
O maior sucesso de gargalhada—3 horas de riso permanente—A representação da comedia de ANDRÉ BRUN
A VISINHA DO LADO
Sabado, 10, e domingo, 11
A VISINHA DO LADO
Segunda, 12 — BOUBOUROCHE
e O HOMEM QUE PASSA
Terça, 13 — PERALTAS E SECIAS
4 Bailes de Mascaras, 4—2 Bailes Infantis, 2

Divorcios, cobrança de dividas, processos de casamento, Lei do Inquilinato (consultas) aos proprietarios, cobrança de rendas e todos os serviços referentes á «Propriedade», acções de despejo, notificações e quaisquer outros assuntos judiciais, ou comerciais, repartições publicas, informações, etc., se trata com zelo economia e rapidez, na
Primeira Rua Particular aos Prazeres, 19, 2.°, dir.

TEATRO DE S. CARLOS
HOJE — 17.ª recita ordinaria
A opera de Rossini, BARBEIRO DE SEVILHA em que respectivamente na Rosina e no Figaro entram os grandes cantores Ada Sari e Ivan Ivantzoff. — O espectaculo é completado com os bailados L'Ocean et la Perle de Drigo, Humoresque de Debussy e dança russa Trepak de Tchaikowsky pelos primeiros bailarinos russos Anderson e Svoboda
Ámanhã, 18.ª recita ordinaria.—Penultima representação da WALKYRIA

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

Economía e higiene no calçado
obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO, 74

TEATRO SÃO LUIZ
Ultimas representações
A ULTIMA VALSA
Sexta-feira, 9—Recita do actor CARLOS VIANNA—1.ª representação da revista em 1 acto e 3 quadros FRUCTA DO TEMPO em que entra toda a companhia,
CARNAVAL—Sabado, domingo, segunda e terça-feira, deslumbrantes BAILES DE MASCARAS e espectaculos de gargalhada
BILHETES Á VENDA

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

Velhice

Uma salinha vermelha. Uma salamandra acesa. Uma jarra cheia de cravos. «Mapples». Ele e Ela, conversam, perto da salamandra. Ela trinta e cinco anos esbeltos, cabelos pretos, olhos pretos, vestido preto. Ele trinta anos, glabro, muita distinção e pouco cabelo.

ELE—Parece-lhe então inverosimil que os sabios descubram o meio de tornar a mocidade eterna?...

ELA—Certamente... mesmo com a efemera eternidade duma vida... A mocidade ha de durar sempre menos do que a vida, para quem não morrer antes dos trinta anos. E para algumas pessoas... para você, por exemplo, os trinta anos já não se encontraram com a mocidade...

ELE—Diz isso para me ser... agradavel?...

ELA—Não houve maldade, creia. Eu sei que se julgará sempre irresistivel.

ELE—Convencem-me disso...

ELA—Então está provado. Mas, voltando ao que você me dizia: não imagine que nego as maravilhas da alta sciencia ou que não creia, dentro duma sciencia mais ao alcance de todos, que uma higiene cuidada, uma vida sã de corpo e alma não consigam prolongar a saude, a força, o aspecto agradavel... Creio e pratico. Quanto á mocidade, a verdadeira, a autentica mocidade, tem-se uma vez e pouco tempo. Afirma um dos nossos escritores mais lidos que a tal descoberta da eterna mocidade não serviria de nada, uma vez que o coração envelhece...

ELE—Mas acrescenta logo em resposta: «O coração não se vê...»

ELA—Isso é que é um engano. Vê tal. Se não há velhice mais evidente, mais triste, mais gelada, mais desconsoladora, que a velhice do coração. Não existe artificio que possa modificá-la. Quem a tem não ilude e sobretudo não se ilude.

ELE—E' uma vantagem.

ELA—Será. Triste vantagem. Mas sabe por que é que as tais invenções de mocidade me parecem inuteis?... Por que o que nos faz velhos não é tanto o nosso aspecto ou a nossa decadencia, é o tempo que duramos, o muito que nos vêem as pessoas que nos conhecem... As nossas ideias, os nossos habitos são em geral, aqueles que adquirimos quando fomos realmente novos... Passaram. Os que seguem a evolução adaptando-se melhor, com mais flexibilidade de espirito, são novos mais tempo... Os que, por qualquer circunstancia, só tarde definiram caracter e ideias, envelhecem mais tarde. Não acha isto racional?...

ELE—E' racional, mas relativo...

ELA—Justamente—é relativo... a cada um. Ora repare, mesmo tratando-se de objectos. O movel ou o «bibelot» que você possue ha dois ou três anos é relativamente novo, mas é velho para si. Se um amador de «bric-á-brac» encontrar um objecto que o encante e compre carissimo, esse objecto, mesmo que tenha centos de anos, é novo para ele. Tratando-se de pessoas: você conhece-me ha muito tempo, sabe a minha idade, está farto de me ver, por consequencia, sou velha para si. Pode encontrar, ámanhã, num baile ou num teatro, uma mulher da mesma idade e até mais feia e vendo-a pela primeira vez paracer-lhe adoravel e novissima...

ELE—Sabe que tenho a impressão de estar a vê-la pela primeira vez?...

ELA—Se não é mentira é por que me vê hoje sob um aspecto novo. Nunca julgou que eu meditasse nestas verdades...

ELE—Sinceramente, não. Você entende que as pessoas «muito vistas», envelhecem, por esse facto, de uma velhice especial que lhes destroe o encanto?

ELA—Com certeza. Quem viaja muito, envelhece menos. E' menos visto e mais variado. Quem conseguir ser diverso, ter sempre nas suas ideias, no seu modo de ser alguma coisa de inesperado será novo muito mais tempo, por que mocidade é principalmente — novidade.

Maria de Carvalho

Os programas mais variados e mais alegres são os do Coliseu dos Recreios onde no sabado se realizam duas sensacionais estreias.

A PRESIDENCIA DA REPUBLICA

MAGALHÃES LIMA

SERÁ O NOVO CHEFE DO ESTADO?

O grão-mestre da Maçonaria

não nos diz que sim, nem que não...

Noé—que os leitores conhecem muito bem da Biblia—meteu-se, um dia, numa arca onde couberam todos os animais do mundo. O grão mestre da maçonaria portuguesa—não para seguir o exemplo, está claro, do nosso remotissimo avô—recebe o jornalista numa sala onde parece que existem todos os retratos, todos os jornais, todos os bustos da Republica, todos os ramos de flôres sêcas, de Lisboa.

O jornalista entra e vê uma enorme mesa quadrada. A' cabeceira o dr. Magalhães Lima, pensando livremente em aquecer os pés com uma especie de «couvre-pieds»; ao lado, associando-se, como convem a um socialista nato, o sr. Ladislau Batalha; a seguir, olho vivo, barba irreverente, um pouco Victor Hugo, o espirito scintilante de homem de teatro, «doublé» de historiador e politico, do dr. Coelho de Carvalho.

Tomámos o nosso logar á mesa, a convite do grão mestre. E se fosse de noite, ou se não houvesse luz, e fosse mais pequena a mesa—em vez de quadrada, redonda—e se o dr. Magalhães Lima acreditasse em espiritos, a reunião tinha o ar duma sessão de espiritismo.

O jornalista, que se mantem jornalista—não passando a ser nem maçon, nem socialista, nem dramaturgo—pregunta:

—Sr. dr. Magalhãs Lima, a sua candidatura á presidenciada Republica?

—Não sei de nada.

—Ora...

—Palavra que não sei de nada. E' uma lembrança muito carinhosa do dr. Teofilo Braga—que me honra muito por vir de quem vem—e nada mais lhe posso dizer.

—Mas admitindo que aceita...

—Não posso admitir essa hipotese.

—E a inversa?

—Tambem não.

—Quere dizer, com isso, que está na duvida?

—Absolutamente. Ainda não me sondei. Ainda não ouvi os meus amigos politicos.

—E o medico assistente?

O grão-mestre da Maçonaria sorri, e responde:

—Tambem não.

O dr. Coelho de Carvalho, que se tem conservado em silencio, ouvindo este dialogo sem teatro, mete agora a filosofia dum áparte:

—O momento actual é misterioso. Não ha nada definido. Nunca foi tão dependente a vontade dos homens. São as condições que mandam. Resta saber se, nas condições actuais, é patriotico ou não aceitar a chefia do Estado.

Ladislau Batalha, com um movimento de cabeça, aplaude.

E são os bustos, os retratos, os jornais, as flôres, a aplaudir tambem. O jornalista—que nos perdõe o dr. Coelho de Carvalho—não se associa aos aplausos. As palavras do dramaturgo, agua fria para qualquer entusiasmo, deram fôrça ao silencio do grão-mestre. Em vista do quê, procurámos subtilmente um desvio...

—Que pensa da actual situação politica?

—Não posso responder-lhe. Seria esmagar a minha candidatura.

—Então sempre aceita?

Magalhães Lima, que tambem foi jornalista, e habil, emenda:

—A minha problematica candidatura...

Já tinhamos feito dûas preguntas—que soaram falso. Tentámos mais uma, a ver...

—Na sua opinião o novo Chefe de Estado donde deve sair? Dos partidos? Do isolamento?

—O Chefe de Estado deve viver sempre fora dos interesses partidarios, para poder fazer obra imparcial. Pode sair de qualquer partido—desde que, ao tomar conta da sua elevada missão, abandone os seus compromissos anteriores.

—Posto que os partidos sejam compostos de homens bem intencionados—volta a dizer a prudencia sábia do dr. Coelho de Carvalho.

Damo-nos por satisfeitos pela melhor sorte lograda pela terceira pregunta, e despedimo-nos.

A'quela mesa quadrada, cheia de jornais e revistas, é nossa opinião e, decerto, a opinião dos leitores, que a cándidatura de Magalhães Lima é uma coisa assente. E sobre ela falavam aqueles três homens, quando entrámos, e dela ficaram falando, quando saímos.

A peste em Angola

O Alto Comissario de Angola comunicou que ultimamente não se tem ali dado caso algum de peste.

Aviso «5 de Outubro»

Parte brevemente para a costa e Madeira o aviso «5 de Outubro», para a continuação dos estudos hidrograficos.

TEATRO APOLO

EMPRESA RUAS, LIMITADA

COMPANHIA JOSÉ RICARDO

DE QUE FAZEM PARTE

Eduardo Brazão, Maria Matos e Ilda Stichini

22 de Fevereiro (estreia) — 1.ª representação da peça extraida do romance de JULIO DINIZ

OS FIDALGOS DA CASA MOURISCA

No camaroteiro está aberta uma assinatura para 5 recitas, com 5 peças novas, incluindo a estreia, sendo duas originais

Pelos teatros

S. Carlos

Realiza-se definitivamente hoje, em 17.ª recita ordinaria, a «reprise» da imortal opera de Rossini «Barbeiro de Sevilha», que vem sendo esperada com ansiedade por nela reaparecer, na parte de «Rosina», a grande soprano ligeiro Ada Sari e porque pela primeira vez cantará a parte de «Figaro» o baritono Ivantzoff, um dos maiores artistas que teem pisado o palco de S. Carlos e que nesta opera tem uma notavel criação. O espectaculo termina pelos bailados «Pas de Deux», «L'Ocean et la Perle», de Drigo, «Humoresque», de Debussy, e «Dança russa Trepak», de Tchaikowsky, em que ontem tão grande impressão de arte deixaram os primeiros bailarinos russos Elisabeth Anderson e V. Sovoboda. Já podem ser feitas marcações de logares para os espectaculos de Carnaval, que se realizarão pelos preços das recitas ordinarias, com programas escolhidos, de que faz parte uma apropriada recordação da musica de Donizetti da espirituosa opera-bufa «D. Pascoal».

Alvaro de Almeida

Realiza-se hoje, no Teatro Salão Foz, a recita de um actor corretissimo, comico de relevo, estudioso, possuidor já de largas e fundas simpatias do publico. Desde o inicio da sua carreira, no Trindade, até á sua passagem pelo Eden, Aguia de Ouro e Salão Foz, Alvaro de Almeida não deixou nunca de vincar o seu nome a todas as peças de sucesso, impondo varios papeis desempenhando-os com notavel exito. Tendo ainda agora afirmado as suas raras qualidades de artista, Alvaro realiza hoje a sua festa com a «reprise» da espirituosa comedia «Arroz Dôce» e com a primeira representação de uma peça escrita propositadamente pelo seu colega Nascimento Fernandes e que se intitula «Os Espectros de Paulino Dias», que nos dizem uma ser «charge» cheia de espirito e de pilheria.

Angela Pinto

A «Gazeta Teatral» do Rio de Janeiro, com palavras gentis, transcreve do «Diario de Lisboa» a entrevista que um nosso redactor teve com a insigne, gloriosa actriz Angela Pinto em sua casa, a proposito da sua festa, então em preparativos. Foi essa entrevista, e mais um ou dois artigos de evocação do passado da grande artista, tudo o que a comissão organizadora, afastando o «Diario de Lisboa» da homenagem, consentiu que nós realizassemos para a obra comum da consagração.

Atrás do reposteiro

A enscenação e marcação da peça «Viriato», de Luna de Oliveira, é do professor Augusto de Lacerda, continuando os ensaios, no Nacional, activamente.

—Os espectaculos de Carnaval, no Politeama, realizam-se com as peças «O outro eu», «Cautela com a Fernanda» e «Menina Virtuosa».

—Efectua-se depois de ámanhã, no Apolo, a recita do electricista Saraiva, com a revista «Lua Nova».

—O Nacional, no espectaculo de segunda feira Gorda faz «reprise» da comedia «Boubouroche», verdadeira coroa artistica do actor-comico Joaquim Costa. O papel creado por Ferreira da Silva será agora desempenhado por Clemente Pinto.

—Na peça «Fidalgos da Casa Mourisca» com que a companhia José Ricardo inaugurá os seus espectaculos no Apólo, o papel de «Jorge» será desempenhado por Mendonça de Carvalho.

—Chega no proximo domingo a Lisboa, vindo de Ceia, na Serra de Estrela, o director da «Iberia-Film,» sr. Rino Lupo, que acaba de dirigir com notavel proficiencia e arte a filmagem de «Os Lobos», de Francisco Lage e Correia de Oliveira.

—O sr. Raul Freire, proprietario do Salão Central acaba de adquirir a propriedade dos «film» portugueses «O destino» e «As Pupilas do sr. Reitor», tendo no primeiro colaborado Palmira Bastos e no segundo Eduardo Brasão.

—Depois do Carnaval a companhia Irene Grave fará representar no Carlos Aberto, a peça «Tratado Secreto», que tanto sucesso fez no Eden,

POLITEAMA HOJE

OUTRO EU

RECITAS DO CARNAVAL

A' VENDA:

REVISTA DE TEATRO

5.º NUMERO

FREI THOMAZ

Comedia de CHAGAS ROQUETTE

Colaboração inedita de Mattos Sequeira, Aquilino Ribeiro, Augusto Lacerda, André Brun, Victoriano Braga, Mario Duarte, Garcia Peres, etc.

Desenhos de Vasquez Diaz, Alberto de Sousa, Valença, Almada Negreiros, Rafael Argelés, Mouton Osorio.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

EPOCA DE CARNAVAL

A ESTREIA

DO VAUDEVILLE

"OUTRO EU"

NO TEATRO POLITEAMA

Dentro dum scenario artistico, claro e moderno em que devia ter andado a mão de D. Amelia Rey Colaço, desenhou-se ontem, no Politeama, *O Outro Eu, vaudeville* ligeiro, alegre, rico de graça sã. A peça saiu vitoriosa da *reprise*. A plateia agradeceu com palmas as horas de riso que lhe proporcionaram, lavadas de escabrosidades, duradouras no futil e no passageiro. *O Outro Eu* é um *vaudeville* que nós levamos no ouvido para contarmos em casa á familia, prolongando o riso que ele nos despertou.

O desempenho foi optimo de conjunto. Os artistas foram pares nas qualidades, moveram-se em scena naturalmente, sem um ou outro acotovelar com qualquer cacaborrada o parceiro.

Gil Ferreira teve todas as honras da noite. Sem afectar o seu prestigio profissional, poz em destaque todas as suas qualidades de comediante. Fez sorrir e não fez gargalhar. E' esta diferença, ou—como queiram—equilibrio, que o levou a modelar o tipo de Barissart esplendidamente.

Ester Leão castigou os seus nervos de romantica, dando-nos um personagem de meias tintas, admiravel. Com individualidade, marcou a malicia e a desconfiança. Na scena final, encostada no *mapple*, tornou expressivas todas as scintilações do olhar.

Constança Navarro, ingenua e graciosa; adoravel na sua *figurine* de boneca. Raul de Carvalho encontrou o seu tipo. Anita Sacramento, numa figura episodica, conseguiu não se tornar esquecida. Num acentuado comico, Teodoro Santos, houve-se bem.

O outro eu, que se destina ao Carnaval, decerto ganhará entusiasmo e exito todas as noites.

O roubo na casa Tota

Foram hoje enviados para o tribunal da Boa Hora, os srs. Julio Pita, Ernesto Soares e seu irmão José Soares, sendo o primeiro acusado de, que sendo tesoureiro da casa bancaria Tota, na rua do Ouro, ali fez um desfalque na importancia de 160 contos de réis.

Encarregado das investigações, o agente Pereira dos Santos, averiguou que o sr. Pita gastara o dinheiro desfalcado em negocios de bolsa e cambiais.

Os restantes são acusados de terem conhecimento do desfalque, recebendo varia quatias do sr. Pita, para transacções do seu estabelecimento de papelaria na Avenida Almirante Reis.

Aviação maritima

Os oficiais aprovados para a aviação maritima, vão tirar no estrangeiro o «brevet» de pilotos aviadores.

CAMBIOS

DIA 8

	Comprador	Vendedor
Londres, cheque	2 9|32	2 7|32
» 90 d. v.	2 11|32	—
Paris	1$417	1$447
Berlim	1|2	1
Holanda	8 918	9$160
Espanha	3 525	3$624
Bélgica	1$241	1$276
Itália	1$085	1$115
Suiça	4$238	4$358
Suecia	6$011	6$181
Noruega	4$188	4$306
Dinamarca	4$247	4$366
Nova-York	22$480	23$113
Brasil	2$602	2$676
Rio Londres	6	—
Libra esterlina	110$000	114$000
Ágio do ouro	2$300	2$400

ESPERANTO

Saldanha Carreira previne todos os seus amigos de que mudou o seu escritorio para a Rua dos Fanqueiros, 39, 2.º d.º, onde continua a receber as suas ordens.

PROJECTOS ARTISTICOS

TEATRO

EM PORTUGUEZ

POR PORTUGUESES EM PARIS

EIS NO QUE PENSA

O ACTOR BRASILEIRO LEOPOLDO FROES

ONTEM CHEGADO A LISBOA

Chegou ontem a Lisboa o actor Leopoldo Froes. Não vinha a Portugal há uns poucos de anos. Bem disposto, a sua bela mascara feliz de nos ter descoberto novamente—depois das suas temporadas brilhantissimas do Brasil—o antigo *João Franco* da revista de Camara Lima vem divertir-se. Ver amigos. Gastar dinheiro, santo Deus! que é a melhor aplicação que se lhe pode dar. A viagem foi maçadora, aborrecida a bordo do *Andes*.

—Imagine. O navio quasi vasio. Vinham aí uns cincoenta portugueses e oito ingleses...

Leopoldo Froes adora a civilização inglesa, mas gosta de fazer espirito. Ora o caso é que, por carta, sabia-se que Leopoldo Froes, brasileiro nato, todo brasileiro até na boémia, essencialmente amigo dos portugueses—que é a melhor maneira de se ser brasileiro;—sabia-se que o actor Froes trazia um projecto. Vamos ao projecto, que sempre devia resultar de uma conversa fugaz. Rafael Marques, hoje um dos nossos grandes do teatro dos novos, vai preparando o dialogo, até dar o nosso objectivo. E a conversa principia:

—O Brasil?

—Belo. Trabalha-se muito teatro.

—Diz-se que o teatro brasileiro se está a tornar independente...

—Não é bem assim. Está a criar-se. Já há indicios de um teatro proprio. Artistas, ainda muito agarrados á localisação scenica e belos autores dramaticos.

—As companhias portuguesas...

—Continuam a ser recebidas no Brasil com simpatia. Pode haver ilusões. Mas não. Boas companhias, de conjunto, triunfam sempre no Brasil.. Ha lá uma grande espectativa por...

—Por quem?

—Por Amelia Rey Colaço.

—A lingua portuguesa no teatro...

—Sei o que quere dizer. Ha quem pretenda representar falando brasileiro. Uma companhia fez isso. Discordo. Discordei sempre. E' um erro. Não ha a prosodia brasileira definida. Isto digo eu que sou brasileiro até á raiz dos cabelos. O Brasil é grande, sugeito a varias influencias de linguagem das colonias europeias. O português deformado é o que predomina. Ora eu penso e defendo que se fale o português puro de Portugal, cuja prosodia e pronuncia mantêm a hegemonia.

—Assim o dizem os mestres brasileiros...

—E assim é. Em Espanha fala-se no teatro o espanhol dominante, o dos dicionarios e das Academias, o de Madrid. Em França, o mesmo. Não se percebe que no Brasil se fale o francês puro de Paris, e se fale, chamando-lhe *português mater*, um português regional e local sim, belo sim, curioso sim, mas que não pode aspirar a ter hegemonia...

Eis o resumo do que diz o artista, que é dos mais cultos da sua esfera distinta, e, como se sabe, cursou direito em Coimbra.

—E agora?

—Agora venho passear. Vou ver a Paris, se ainda lá estiver, a famosa companhia russa de Stanislauwitz, de quem se diz maravilhas, e queria dar um salto a Munich, vêr a casa do artista. Emfim—projectos.

—Outro projecto...

—Que é mais complexo. Mas heide consegui-lo. Organizar uma companhia portuguesa, e levá-la a Paris.

—Uma «tournée» a Paris...

—Quinze, vinte dias. Então? Paris é um meio largo e tolerante. Já temos um caracter. Fariamos peças brasileiras, originais portugueses, e alguns franceses.

—Em português.

—Em purissimo português.

—Não acha dificil?

—O português em Paris? não. Vão lá companhias de todo o mundo. E' dificil organizar. Principalmente por causa das figuras femininas. Mas—havemos de ver.

Leopoldo Froes, que é um rapaz novo, aí 40 anos, energico, vivo, insinuante, diz depois como se fez artista em Portugal, e como supõe que ao teatro português está ainda reservado um largo futuro.

—No Brasil, mesmo?

—Sim.

—Que teatro prefere agora representar?

—A alta comedia. Sinto-me bem.

E terminou por fazer o elogio de Carlos Santos, seu primeiro mestre, e que—justamente:

—Dás licença, ó Froes?!

—Oh! Carlos Santos!

E o abraço fechou a palestra.

NOVELA SUCESSO

Ficou transferida para o proximo dia 15 do corrente a saida da primeira novela da autoria do distinto escritor sr. Manuel Ribeiro e intitulada «A Madona do Convento» e que faz parte da colecção *A Novela Sucesso*.

JOSÉ CASIMIRO

O vapor «Flandria», que devia chegar hoje a Lisboa, vindo do Brasil, arribou, acossado pelo temporal, a Vigo.

Viaja a bordo, com destino a Lisboa, o cavaleiro tauromaquico sr. José Casimiro.

NOITE DE INVERNIA

MORRERAM

QUASI TODOS

OS PARDAIS

DA PRAÇA DE CAMÕES

Os pardais que são a graça perene de Lisboa, o pão do ceu—os nossos pardais que, como as pombas negras de Veneza, os angoras de Montmartre, os cães de Secutari, aqui nascem e aqui morrem, estrelando sempre o ceu com as suas azas, mesmo que o sol não nos venha bater á janela, —tiveram ontem uma noite impiedosa de chuva e de morte!

Anunciam-nos que na praça de Camões, no valhacouto regalado das suas arvores, a pardalada estrenoitada pelo vento, arripiada de frio, encharcadinha de chuva, caíu morta como as folhas que ela substitui, mal o outono as mirra. Vocês os que lêem o jornal, tendo em frente a brasa viva do fogão, recostados no veludo da almofada, sentiram decerto, na noite transacta, o vento clamando irado por essas ruas, ressoando como nas enxarcias, aos gemidos, aos ais. E chovia, que era um dó de alma.

Nas ruas da Baixa o vento enfurecido tinha ressonancias tragicas, gritos de alcione marítimo, sirenes tragicas de navios naufragados. Ouvia-se e arrepelava. Talvez o leitor tenha pousado o jornal no conchego do «edredon» e pensado um instante, na caminhada fantastica dos mendicantes pela noite, por essas estradas que a chuva fustigava. Mas, decerto, não deu um instante de sonho e de pensamento, aos pardalitos do Camões. Não! Eu sei que não!

A noite foi terrivel. Chuva e vento, farrapos de nuvens, pelo ceu. As arvores da praça enrodilhadas na ventaneira, estremeceram. Em pouco a casita aerea dos pardais, sacudida furiosamente, levantada pelas raizes, de ramos colericos, vergastando-se, rompendo-se, quebrando, em estalidos a lembrar o desfazer de fibras humanas—tornava-se horrorosa. Mil azas partiram, muito acima dos globos da electricidade. Outras azas, outras azas aflitas. Revoaram doidas, em fugas alucinadas, em circulos desordenados. Tombavam sobre os beirais. Mas aí o vento, apanhando descampado, fazia-as revolver, cair á calçada. Ao principio um baquesito surdo, outro e outro; depois milhares de milhares de pardais abateram-se na pedra do largo, feridos, mortos.

Foi um panico. As arvores ficaram de galhos muito limpos, tremulas no azul riscado de fosforencias com que a luz tenuisara a treva. E o vento mais forte, colera de Jeovah, violino despedaçado, rangendo as ramarias, exilou as ultimas aves. Migalhas de trilos, pequeninos repiques de dôr, cortavam á navalha o timpano. O largo branco da chuva, foi negro, negro de asas muribundas, palpitando sem calor.

Contavam-se aos milhares os pardais mortos. Em breve *chauffeurs* e serenos, noctambulos e vadios dos cafés, céleres, com saco, entraram a apanhar as avesitas. Foram cheios, as cabecitas a quererem emergir dos nós fatais das sacolas. E a carnificina, ajudada por cães e gatos, maitrapilhos para quem a belesa confina na ancia de comer, durou toda a noite, toda a noite. Voltou o sol. No largo, penas voavam ao desamparo, como cinzas.

Deus perdoa isto? Creio que não! Lisboa, cheia de graça, perdeu as suas asas, as suas flores eternas, a sua primavera hibernal. Morreram os pardais do Camões!

Conselho de Ministros

O conselho de ministros esteve hoje reunido na secretaria do interior, desde o meio dia até pouco depois das 14 horas. Não forneceu qualquer nota á imprensa, talvez devido a estar auzente o sr. ministro da Instrução que serve de secretario do conselho.

Suicidio

Francisco de Almeida, Calçada do Monte, 53, 3.º, suicidou-se esta manhã, atirando-se do andar da sua residencia para o patamar da porta da entrada do predio, tendo morte intantanea. O seu cadaver foi removido para a Morgue.

AO HERPETOL

Devo o aveludado da minha pele

Este maravilhoso medicamento para uso externo provoca um imediato bem estar. Após poucos dias de tratamento o padecente vê em via de cura todos os casos de **eczema humido e seco, crostas duras, espinhas e errupções.**

A comichão desapareceu como por encanto. Em alguns casos uma só aplicação é o bastante para uma cura.

E' o medicamento por excelencia para todas as molestias da pele, entre elas **eczemas, crostas, chagas, acnó, erupções, espinhas, manchas, sarna, ardencia na pele e as cansadas por mordeduras de insectos.** Não hesite e compre sem demora um frasco, que se vende nas principais farmacias e nos depositos: em Lisboa, rua da Prata, 237. No Porto, rua Cunha Manuel, 65.

Salão Aureo

SEMPRE SORTIDO EM CHAPEUS PARA LUTO

246—RUA DO OURO—248

LISBOA

DR. AMANDIO CAMPOS

Com pratica nos hospitais de Paris e Londres
SYPHILIS, R. do Carmo, 69, 1.º, ás 5 da tarde

Empregue na sua toilette

O CREME SIMON PARIS

A qualidade dos seus elementos conserva á pele a sua frescura, a sua finura e o seu brilho. O seu perfume é delicado. 60 anos de sucesso.

PÓ de Arroz e SABONETE

AOS CONSTRUTORES CIVIS E PROPRIETARIOS

V. Ex.ª deseja mandar fazer qualquer trabalho de carpintaria?

Peça orçamentos á Carpintaria Electro-Mecanica de

JOSÉ MENDES GARCIA

que se encarregam de todos os trabalhos de Construção Civil, desde o mais modesto ao mais luxuoso. Portões, portas, caixilhos, escadas em todos os generos, etc.

46, Rua do Seculo, 46
LISBOA

ESTORIL — TERMAS

Agua termal, hipersalina, cloretada sódica e magnesica, sulfatada e bicarbonatada calcica, litinica, etc.
RADIOACTIVA — MECANOTERAPIA — ELECTROTERAPIA — MAÇAGENS — LAMAS RADIOACTIVAS

Tratamento do reumatismo crónico, gôta, artrites, nevralgia sciatica; doenças das senhoras; linfatismo e suas manifestações e cutaneas; doenças de pele; do aparelho gastro-intestinal; das fossas nasais e da laringe; perturbações cardio-vasculares, etc.

O estabelecimento termal concede bonnus as viagens de ida e volta ao Estoril ás pessoas inscritas para tratamento.

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES

LEILÃO

Em 19 do corrente, e dias seguintes, ás 11 horas, por intermedio dos agentes de leilões srs. Casimiro Candido da Cunha & Sobrinho, Sucessores, na estação desta companhia em Lisboa, Cais dos Soldados, e em virtude do Aviso ao Publico A. n.º 1 de fevereiro de 1920, do artigo 112.º da Tarifa Geral e do artigo 9.º da Tarifa de despezas acessorias, proceder-se-ha á venda em hasta publica de todas as remessas incursas nos respectivos prasos bem como de outros volumes não reclamados.

Avisa-se, portanto, os respectivos consignatarios, de que poderão ainda retira-los, pagando o seu debito á companhia, para o que deverão dirigir-se á Repartição de Reclamações e Investigações na estação do Cais dos Soldados, todos os dias uteis até 17 do corrente, inclusivé, das 10 ás 16 horas.

O leilão realiza-se no novo armazem situado ao fim do molhe n.º 5 da referida estação de Lisboa, com serventia pela porta existente na rampa da calçada de Santa Apolonia, defronte do gradeamento.

Lisboa, 1 de fevereiro de 1923.

O Director Geral da Companhia
Ferreira de Mesquita

OURIVESARIA CASTELHANO

21, RUA EUGENIO DOS SANTOS, 21
(ANTIGA RUA DE SANTO ANTÃO)

:: Compra e vende aos melhores preços joias antigas e modernas, ouro, platina e pratas artisticas. : :: ::

Grande exposição de joias antigas

PAPELARIA VIUVA MARQUES

TELEFONE C. 2676

LIVROS COMERCIAIS PARA ESCRITURAÇAO
Artigos de escritorio — Material para desenhadores
—— PREÇOS MODICOS ——

34 a 38, RUA DO OURO, 34 a 38
— LISBOA —

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

GAZOLINA "*Shell*" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis
Oleos de lubrificação

PEDIDOS Á

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.TD

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49
PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

NÃO COMPRE OS SEUS FATOS sem pedir amostras

AOS FABRICANTES

ROSA & IRMÃO

COVILHÃ

"DIARIO DE LISBOA" *VENDE-SE, EM PARIS, NA RUE SAINT LAURENT, 3*

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

A TURQUIA E OS ALIADOS

Os barcos ancorados no porto de Constantinopla e o protesto das autoridades turcas

LONDRES, 8

Os altos comissarios em Constantinopla protestaram por intermedio dos seus drogmans junto do representante do governo de Angora em Constantinopla por motivo do pedido das autoridades turcas de Smirna que desejam que todos os navios de guerra de mais de mil toneladas abandonem imediatamente aquele porto, quando existem ainda ali muitos subditos dos paises aliados que é necessario proteger. O cruzador ligeiro inglês «Curaçao» tendo a bordo o almirante Nicholson, partiu para Smirna.

As potencias aliadas manteem as suas posições segundo os termos do armisticio de Mudros e não tencionam submeter-se a restrições ácerca do movimento dos seus navios de guerra. As autoridades turcas de Smirna receberão, sem duvida, instruções de Angora neste sentido como resultado das conversações entre os altos comissarios e o governo de Angora. As autoridades turcas de Smirna foram avisadas de que durante estas negociações elas serão responsaveis pelas consequencias de qualquer acto hostil.

Lord Curzon
e a opinião da imprensa londrina

As informações dadas por lord Curzon, ácêrca da sua acção na Conferencia de Lausanne, têm sido favoravelmente comentadas na imprensa. Os jornais frisam que foi Ismet Pachá o responsavel de se não ter assinado a paz e que o tratado continha concessões liberais como nunca foram oferecidas a um inimigo vencido. Os jornais, elogiando a sagacidade e a firmeza de lord Curzon, no desempenho da sua missão, notam com satisfação que a imprensa francesa identicamente o louva. Acentua-se especialmente a determinação mostrada por lord Curzon, em Lausanne, de nunca se afastar dos principios da absoluta solidariedade com os aliados da Inglaterra e exprime-se a convicção de que tal cooperação dos aliados, no futuro, convencerá os turcos que estão procedendo erradamente quando rejeitam o tratado.

A Turquia
e a sua atitude para com os aliados

Os pontos que os turcos rejeitam no tratado interessam mais á França que á Inglaterra e os turcos devem compreender que os dois países estão inalteravelmente unidos. Ismet Pachá devia ter recebido uma desagradavel surpresa pela recusa de lord Curzon de examinar quaisquer propostas de paz separada entre a Turquia e a Inglaterra, o que lhe foi proposto mais duma vez. Os turcos acham-se agora abandonados, depois de terem recebido ofertas de paz que lhe garantiam uma segurança de que a Turquia nunca disfrutou. Cêdo ou tarde os turcos reconsiderarão e modificarão a sua atitude.

A reconstrução
das regiões turcas devastadas

O «Daily News» diz que o governo inglês fez as maximas concessões e a opinião publica de certo não conseguiria que se fizessem mais, nem que se modificasse substancialmente o tratado. O «Morning Post» diz que as necessidades vitais dos turcos são o receber auxilios para reconstruir as suas regiões devastadas e que para conseguir isto é necessario que os capitalistas e negociantes aliados tenham certas garantias de que os seus emprestimos sejam pagos e de que não sofram violencias no territorio turco.

Não ha em Lisboa espectaculos e bailes carnavalescos mais divertidos e mais baratos do que os do Coliseu dos Recreios.

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

A ESPANHA ESTA' SOB A AMEAÇA DE TRES REVOLUÇÕES?

O exercito quer vingar as afrontas feitas aos prisioneiros de Abd-El-Krim

Parece que se turvam cada vez mais os ares na vida politica espanhola; de todos os lados surgindo complicações e ameaças de perigo iminente. Até ha pouco, apontavam-se como de muito provavel eclosão, a revolução social e a revolução catalã. Agora surgiu, por virtude dos acontecimentos de Marrocos, a ameaça de mais uma: a revolução militar.

Esta, foi o resgate dos prisioneiros que lhe fez ambiente. Tantas e tamanhas foram as torturas infligidas por Abd-El-Krim aos prisioneiros espanhois, que o relato feito por estes do que sofreram bastou para exacerbar ao extremo os animos, creando em toda a Espanha uma atmosfera de revindicta, dificil de conter.

A imprensa dividiu-se, pugnando uns pela efectivação de medidas militares que desafrontem o país, entendendo outros que não existe oportunidade nem motivo para nova guerra.

O exercito, bastante influenciado pelo criterio dos primeiros, considera como indispensavel um «raid» sobre Alhucemas, pretendendo forçar o governo a consentir-lho; e daí um conflicto sobremaneira serio que bem pode ser causa de perturbações graves.

Tratando-se de acontecimentos de ordem puramente interna, não cometeremos a impertinencia de os comentar. Dada a necessidade, porém, de trazer os leitores ao par do que lá fora se passa, parece-nos que bastará a elucidá-los o depoimento de cada uma das duas correntes que, na discussão do caso, se defrontam através dos jornais.

Entendem os partidarios da acção militar que a Espanha ficará deshonrada para sempre se não vingar de maneira estrondosa o procedimento do chefe mouro rebelde.

«Será preferivel então — preguntar — que, depois de Abd-El-Krim ter tratado vilmente com a Espanha, como mercador, depois de se ter encarniçado contra ela, como assassino, pactuemos com ele uma paz como vencidos, em vez de o castigar pelos meios faceis e eficazes de que dispomos?

«Será preferivel, então, recebê-lo em Melilla com honras militares, obrigando os nossos proprios soldados a apresentar-lhe armas? Nem a nação nem o exercito se resignariam a suportar estas novas humilhações, que só a loucura pode ter imaginado».

* * *

Ainda os partidarios da desafronta:

«O problema mudou fundamentalmente de aspecto. Dantes, aos 18 meses decorridos, dizia-se-nos que não podia ser bombardeado o territorio inimigo, do mar ou do ar, por se encontrarem ali, prisioneiros, os nossos soldados. Agora ficaram lá apenas os sequestradores. E ainda por cima, enriquecidos; ainda por cima com mais de quatro milhões de pesetas que empregarão, sem duvida, em armas e munições. Como não pensar, então, em que a impunidade em que deixarmos os seus delitos e o proveito monetario que lhes advem, pode incitar os sequazes de Abd-El-Kirim a tentar novamente a fortuna, assassinando mais espanhois e fazendo novos prisioneiros?

«E' preciso que os quatro milhões, e pico, de pesetas que a Espanha pagou sejam gastos em reconstruir os povoados e em repôr as terras em condições de cultura, em vez de se converterem em armas para assassinar espanhois».

* * *

Os contrarios, os que vêm nesta atitude um incitamento anti-patriotico a novas e mais perigosas aventuras guerreiras, pretendem que todo este alarido visa a distrair a opinião publica do apuramento das responsabilidades no passado.

E clamam:

«Não! Não mais empresas em que possam afundar-se a riquesa e o decôro da nação! Saibam todos que a nação não se deixará arrastar de novo para uma perdição segura. Está sob a amargura de experiencias demasiado recentes; e não haverá meio persuasivo nem força bastante que a leve a pensar que a sua dignidade consiste em regar outra vez com sangue e com metralha umas terras estereis... O país mostrou-se decidido a entrar num periodo de paz e de ordem; o que ele quere, antes de mais nada, é o castigo exemplar e memoravel das culpas passadas e uma rectificação absoluta do criterio que nos levou ao desastre».

De resto — acrescentam — «dir-se-hia que sobreveiu algum novo acontecimento que manche a honra das armas; e que as injurias inflingidas aos captivos datam do momento da sua libertação e não do proprio instante em que eles caíram em poder dos rifenhos».

* * *

Como se vê, uns e outros argumentam com razões de peso. Mas, pelo visto, o exercito, tendo que decidir-se por um dos criterios, mostra-se mais inclinado para os primeiros. E daí a iminencia de novas e porventura mais graves, complicações na vida interna da Espanha; por isso que o governo nem se resolve a demitir-se nem a fazer o gosto aos da corrente belicosa.

A FRANÇA COMERCIAL

As sedas exportadas pela industria francesa atingiram mais de 300.000 quilos

PARIS, 8.

A exportação de fita de seda durante o primeiro semestre de 1921 foi de 200.000 quilos aproximadamente representando um ingresso de 31 milhões de francos; em igual periodo de 1922 alcançou 37,6 milhões de francos, ou sejam a mais de 300.000 quilos. Por conseguinte a quantidade exportada acusa um aumento duma terça parte. A Inglaterra 21,7 milhões de francos. Australia 6,1, Canadá 2, França e Holanda um milhão cada uma.

E' de notar que a exportação para a Australia alcançou no primeiro semestre de 1922 a mesma quantidade que em todo o ano de 1921. A exportação das sedas aumentou tambem, elevando-se a 813.000 quilos contra 760.000 no primeiro semestre de 1921. Este aumento obteve uma grande redução dos preços, tanto assim, que apesar do consideravel aumento da exportação, os ingressos, por esta forma, diminuiram de 92 para 84 milhões de francos.

O mesmo que a fita de seda quasi a totalidade das sedas foram exportadas para a Inglaterra, Australia e Canadá que cobriram aproximadamente as três quartas partes da exportação ou seja um total de 61,4 milhões de francos, figurando a Espanha somente por dois milhões. A exportação de seda artificial aumentou só em um milhão de francos. E curioso notar que a importante exportação que se fazia para os Estados Unidos da America deminuiu consideravelmente, sendo somente de 13/4 milhões, emquanto tinha aumentado para a Inglaterra 2,3 e Espanha 1 2/3.

Por outro lado nota-se um aumento consideravel na importação suissa de seda artificial, pois de 55.000 quilos no primeiro semestre do ultimo ano eleva-se a 352.700 em igual periodo do ano de 1921, representando mais de 6 milhões de francos.

Este grande aumento em que participa a Alemanha com dois milhões, Belgica e Italia com pouco mais de um, explica-se pelas necessidades sempre em aumento da industria suissa em artigos de elastico que se consagra cada vez com mais intensidade á fabricação de camisolas e coletes desse tecido, que estão muito em moda.

A exportação de seda em bruto aumentou quasi o dobro, sendo a de seda a unica que tinha diminuido, em metade, aproximadamente, a causa provavelmente da maior demanda neste mercado de telas de crepe com o auxilio das sedas finas. — (R.)

GRANDES FESTAS CARNAVELESCAS

Os espectaculos e bailes no Coliseu dos Recreios

Ha grande entusiasmo do publico pelas festas carnavalescas que este ano se realizam, com um brilho desusado, no Coliseu dos Recreios. A caprichosa ornamentação da magestosa sala de aquela vasta e comoda casa de espetaculos, a sua deslumbrante iluminação e os programas especiaes especialmente organisados para essas festas, muito devem contribuir para que o Coliseu seja, como sempre foi, a casa de diverssões preferida pelo publico que em nenhuma outra se sente mais á vontade e com mais alegria do que ali, crescendo ainda a circunstancia de que é ela a mais economica da capital, pois nenhuma outra a eguala nos seus preços.

A bilheteira tem sido muito concorrida, sendo de bom aviso para o publico prevenir-se com tempo com os seus bilhetes que desde hoje se vendem na bilheteira para qualquer dos dias.

CINEMA CONDES

A SEMANA DO CARNAVAL — RISO, ARTE E ALEGRIA

A semana carnavalesca, no Cinema Condes, promete revestir-se da maior alegria e entusiasmo, estando já em preparo grandes surpresas e feitas varias combinações entre as mais distintas familias da nossa sociedade elegante. Hoje realiza-se a costumada *matinée* elegante e a sessão nocturna com a *reprise* da engraçadissima estreia de ontem *A virtude de D. Virtudes*, o 4.º e 5.º episodios de *Os olhos do mal* e as chistosas farças *O pequeno banhista* e *Pencudo e os ursos*, realizando-se ámanhã uma sensacional estreia de arte. Para as sessões do Carnaval já estão á venda os bilhetes.

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

REPARAÇÕES ELECTRICAS

REPARADORA ELECTRO-MECANICA, LIMITADA

R. TRINDADE, 18-A, 26

TELEF.: N.-4432

6 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 6 HORAS DA TARDE

NOS DEPUTADOS

A sessão

decorre com muito barulho e sem interesse

UM PROJECTO CONTRAVERTIDO

Quando o sr. Baltazar Teixeira começou a fazer a chamada, haviam 10 deputados na sala. Nem mais um! O sr. Morais de Carvalho, que é, de seu feitio, muito metido comsigo, após três quartos de hora de espera, arrisca uma pregunta á mesa:

—Há numero, sr. presidente?

O sr. Sá Cardoso não responde; parece de pedra. E de varios lados da Camara insiste-se.

Na galeria central estão quatro espectadores muito admirados de vêr como se trabalha no seio da representação nacional. A' direita da galeria, a estatua da jurisprudencia olha-os, mais admirada ainda da coragem que ali os tem.

O sr. Baltazar Teixeira a lêr o expediente, parece um colegial a lêr latim de castigo. Para que servirá aquilo?

* * *

A's 15,30 entra-se no periodo de antes da ordem do dia.

Entra-se... é como quem diz; porque ninguem entra; ninguem tem que dizer.

O sr. Cancela de Abreu pede a palavra, mas apenas para perguntar onde está o sr. ministro das Colonias, e onde está o governo, e porque tolera a Camara isto:

—Já não ha governo ha um ano! Invoco o regimento! Isto assim não pode ser!

O sr. Pedro Pita, em face das instancias do deputado monarquico, e para que alguem diga alguma coisa, decide-se, por fim, a falar. Chama a atenção do governo para o boato, que corre, de se preparar a dissolução de alguns corpos administrativos. Quer saber o que ha de verdade no caso, e protesta antecipadamente contra qualquer arbitrariedade que, porventura, venha a cometer-se.

O sr. Manuel Fragoso, declarando previamente que pediu a palavra para entreter, refere-se á noticia vinda a publico de estarem iminentes mais prisões de oficiais por virtude, ainda, dos acontecimentos de 19 de Outubro. Protesta, por entender que não devem agitar-se mais odios nem revolver mais paixões. só prejudiciais á tranquilidade da Patria e da Republica.

* * *

A pedido do sr. Tavares de Carvalho, entra em discussão o projecto que isenta do pagamento da contribuição de registo um legado feito a qualquer instituição da freguezia de Alhadas.

O sr. Sá Cardoso:

—Está em discussão. Ninguem pede a palavra, vai votar-se; os senhores deputados que aprovam, tenham a bondade de se levantar; está aprovado; vai lêr-se o artigo de fundo.

—O artigo de fundo?

Não era. Era o artigo segundo.

Ninguem se levanta, como de costume. E assim se aprova o projecto.

A's 16,10 puzeram-se todos os deputados de pé a perguntar uns aos outros:

—O que foi? O que é?

Alguns parlamentares tentam explicar o que é aquilo, mas, pelos modos, ninguem percebe.

Todos gritam; todos protestam; todos se indignam; o barulho é ensurdecedor; e não ha meio de saber ao certo do que se trata.

* * *

Afinal—soube-se depois—tratava-se do projecto que autoriza as camaras municipais a aumentarem as percentagens sôbre as contribuições industrial e predial.

O sr. ministro das Finanças deu explicações, em familia, a uma roda de parlamentares, que acorreu a cerca-lo para o ouvir; e, voltou-se á normalidade... da conversa em grupos.

E continua.

Entero colite crónica — Seu tratamento
ESTORIL-TERMAS

A NOITE DE ONTEM

O temporal

faz naufragar um galeão em frente da Torre do Bugio

Desaparecem sete tripulantes e salvam-se dois

Apesar de muito cedo ter sido feito um aviso á navegação, ha a registar alguns desastres no mar, provocados pelo temporal desta noite. O principal deu-se em frente á Torre do Bugio, causando a morte a 7 maritimos.

Esta manhã, por volta das 6 horas, no Bom Sucesso, foram ouvidos alguns tiros de peça, dados pela torre do Tugio. Falaram imediatamente para o posto da Alfandega que, por sua vez, se pôz em comunicação com S. Julião da Barra. Aqui não tinham conhecimento de coisa alguma.

Poucos minutos depois,porém, comunicaram de S. Julião que se avistava, em frente á Torre do Bugio, o mastro dum galeão afundado e que sobre ele, em situação perigosissima, um homem pedia socorro.

Partiram imediatamente para o local o rebocador «Cabo da Roca» e o salvavidas «Paço d'Arcos». Nem um nem outro conseguiram, porém, chegar-se ao barco afundado, tendo o rebocador de se retirar.

Então, o salvavidas, acercou-se o mais que podia, gritando-se aos naufragos que eram dois que se atirassem ao mar.

Assim fizeram, sendo imediatamente recolhidos pelo salvavidas que foi rebocado para Paço de Arcos por um navio de pesca. Ali, foram-lhes distribuidas roupas e alimentos, tendo eles declarado que o barco era tripulado por 9 pessoas, havendo pois a registar 7 mortes.

* * *

O galeão afundado era um barco pequeno que levava comestiveis para o «Olho de Boi», logar que fica perto do Caramujo.

A prindipio correu que se tratava de um barco de pesca.

* * *

Tambem no Beato, o estado do mar foi horrivel durante toda a noite.

A fragata «L. 569» que se encontrava junto da ponte da fabrica João de Brito, descarregando trigo do vapor «Ronda», a certa altura foi invadida pelas ondas que, encapeladas, rugiam contra o costado.

A agua em breve inundou toda a fragata onde se encontravam 1.100 sacas de trigo que ficou bastante damnificado, necessitando de beneficiação.

Não houve desastres pessoais.

Uma fragata que se encontrava junto da «L. 569», ainda poude safar-se a tempo para sitio seguro.

EM SETÚBAL

Duas fabricas completamente destruidas

Prejuizos de milhares de contos

O comboio de Setubal que devia chegar ás 10 da manhã, só chegou ás 2 e meia da tarde. O atrazo foi motivado pelo descarrilamento dum comboio de mercadorias entre o Pinhal Novo e a Moita.

Os efeitos do temporal em toda a região foram terriveis. Quasi todos os pinheiros e postes que ladeavam a via ferrea foram derrubados.

Estão interrompidas as comunicações com Setubal, tendo de se fazer trasbordo no Pinhal Novo.

* * *

Em Azeitão, Coina, Cezimbra e outras localidades, eucaliptos seculares, postes telefonicos, etc., tudo foi derrubado pela ventania.

Os prejuizos só em Setubal, sobem a centenares de contos.

Afundaram-se 30 e tantas barcas.

As embarcações que estavam sendo construidas nas Fontainhas e na Saboaria foram arrancadas dos espeques e precipitadas contra a costa, afundando-se algumas.

O cerco de pesca «Senhor das Chagas» está todo no fundo.

Todos estes desastres se deram, devido a um ciclone que passou por Setubal entre as 2 e as 3 da madrugada.

Por emquanto, ainda não ha conhecimento de desastres pessoais, mas tudo leva a crer que haverá a registar algumas vitimas.

* * *

Ás 18 horas comunicam-nos de Setubal que o temporal destruiu completamente duas fabricas, uma de conservas e outra de adubos. Os prejuizos calculados, sobem a mais de 1.000 contos. Não houve desastres pessoais.

Roubos importantes

João Gomes da Silva, residente em Chelas, foi preso por ser acusado pelo tenente sr. Torquato Patricio, de que sendo empregado na fabrica de polvora em Chelas, dali se ausentou, depois de ter furtado varios artigos no valor de 5.581 escudos.

—Filipe de Figueiredo, Alto do Marquez de Penalva, 3, queixou-se á policia, de que num carro electrico, lhe subtrairam a carteira com 2.210 escudos.

—Foi preso o carroceiro Rafael da Silva, por ter furtado fazendas no valor de 524 escudos a Francisco Alves Gouveia, dos Olivais.

OS ELECTRICOS
na rua dos Fanqueiros

Consta que se efectuam no proximo sabado as experiencias da nova linha de tracção electrica, na rua dos Fanqueiros.

IMPRENSA

«O Auto»

Deve iniciar a sua publicação no fim do corrente mês, um novo semanario de automobilismo, aviação, motociclismo e ciclismo, dirigido pelos srs.: D. João d'Avilez e Ascenção Araujo.

O novo jornal—que terá um aspecto moderno—fará uma larga reportagem de todos os «sports» mecanicos do estrangeiro; pugnando tambem pelo desenvolvimento entre nós desses «sports».

Congresso Nacional de Electricidade

Na proxima sexta-feira, reune na Associação Comercial, ás 15 horas, a comissão tecnica do congresso de electricidade a fim de apresentar uma tese da autoria do sr. conde de Tovar, subordinada ao tema «As quedas d'agua do Alto Zezere».

A comissão de propaganda deliberou convidar a Associação dos Medicos a indicar quais os seus colegas especialistas em tratamentos pela electricidade, a fim de lhes dirigir convite para a apresentação de teses sobre o assunto.

O 19 DE OUTUBRO

A defeza

de Procópio de Freitas e de Cortez dos Santos

O DISCORSO DE RAMADA CURTO

A audiencia reabriu ás 15 horas. Tem a palavra o sr. dr. Ramada Curto, defensor do capitão-tenente Procopio de Freitas e do major Cortês dos Santos.

—Permitam-me v. ex.as, que eu fale de mim. Nunca me levantei da minha cadeira de advogado tão cheio de emoção como neste momento

Srs. jurados: eu chego a temer que a minha palavra esteja longe de servir os interesres sagrados destes oficiais que me estão confiados.

Uma testemunha que aqui depoz ápaixonadamente disse que nós tinhamos os olhos dum povo sobre nós. E eu acrescento, sem receio de desmentido, que é toda a alma dum povo que aguarda este «veridictum».

Era minha intenção não me referir aos sucessos da noite de 19 de outubro de 1921. Rememorar essa noite é inutil.

O libelo esfarrapou-se por si. O sr. promotor de justiça, que conquistou a simpatia cordeal de toda a gente, disse que tinham sido os técnicos que tinham escolhido uma pena para estes homens. Culpados do mesmo crime em Portugal são todos, até o chefe do Estado.

«O que é necessario frizar é que os meus constituintes não estão aqui por cumplicidade, mas por serem revolucionarios outubristas. E, reparem v. ex.as que não está aqui nenhuma das fôrças organizadas da nação, que aceitaram a revolução como boa. Não chegariam as salas deste tribunal para comportarem toda essa gente.

Toda a minha sensibilidade se arrepia a verificar que estes homens vieram aqui como cumplices de assassinos. Mau serviço prestaram ao exercito as pessoas que os trouxeram aqui! Para esta acusação, o que foi preciso então? Feras sem nome fizeram baquear a tiro algumas figuras queridas da nossa Patria. Permitam que eu evoque três dessas figuras: o dr. Granjo, Machado Santos e Carlos da Maia. Eu não estaria aqui a defender estes homens se soubesse que eles tinham a menor cumplicidade nesses crimes. E' preciso, srs. jurados, que se tenha embotado muito a sensibilidade nacional para ter estes homens durante um ano em prisão fechada.

Recorda com saudade a memoria de Serrão Machado.

Referindo-se a Agatão Lança, que teve a marinhagem na mão, quando do ferimento do sr. Cunha Leal, diz que não se explica que ele saisse do Arsenal em companhia desde senhor, apesar do dr. Jacinto Simões lhe ter lembrado a conveniencia de levar o dr. Granjo, ao que o sr. Lança respondeu que não era necessario, porque o Arsenal estava socegado

Em seguida pregunta se é á sombra dos regulamentos que o juri vai julgar. Lê o artigo 66.° que diz que não é permitido abandonar o seu posto ou deixar o serviço de que se estiver encarregado, sem se ser competentemente substituido. Lê tambem o artigo 322.° do Regulamento da Armada e uma oitava de Luís de Camões.

Economia e higiene no calçado obtem-se com o CREME CRISTALINO
Sapataria Contente, L.da
74, RUA DO CARMO. 74

MAQUINAS DE ESCREVER
NOVAS e usadas. Reparações e reconstrucções garantidas. Accessorios. Quintino Ltd.a. Tel. N. 4225. CALÇADA DO DUQUE, 3, 1.° (Junto ao Rocio).

Obesidade — Artristismo
Mecanoterapia — Banhos de luz
ESTORIL-TERMAS